



A construção de um acontecimento jornalístico¹

Leidiane Vieira dos Reis²

Marta Regina Maia³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

Este artigo analisa a cobertura feita pela Folha de S. Paulo nos três primeiros dias em que o jornal noticiou as enchentes que atingiram cidades da região serrana do Rio de Janeiro no início de 2011. Por seu grande teor de noticiabilidade, este acontecimento é tomado como fonte para se entrever como o discurso jornalístico constrói o sentido de fatos de grande relevância. A análise é de cunho qualitativo e toma por base a aplicação, em um objeto empírico, das teorias a respeito do acontecimento jornalístico (Quèrè 2005) e do valor-notícia (Traquina 2005).

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; catástrofe; narrativa; acontecimento.

Introdução

O jornalismo é pautado por fatos que rompem com a normalidade da vida cotidiana, neste sentido, quanto mais uma ocorrência “perturba a realidade” tanto maior a possibilidade de sua inserção nos veículos de comunicação. Uma vez apropriado pelo discurso jornalístico, o fato passa então a ser visto enquanto um acontecimento. Existem acontecimentos de diversas naturezas e eles são transformados em notícia por possuírem determinada relevância que é percebida pelo jornalista, este verdadeiro caçador de novidades. Esse fazer jornalístico não acontece somente a partir do *modus operandi* do campo, outras manifestações estruturais acionam influências, que, muitas vezes alteram resultados preconizados. Entretanto é possível dizer que estes profissionais possuem uma espécie de código que permite identificar quais fatos têm potencialidade para compor as páginas de um jornal, por exemplo.

Estes códigos que servem como uma espécie de guia a este profissional é adquirido com a rotina do dia-a-dia e provém de um ritual construído anteriormente por seus pares na medida em que o jornalismo foi se desenvolvendo. Assim, após se valer

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

² Aluna do 6º Período do Curso de Jornalismo da UFOP. Bolsista de Iniciação Científica do Projeto PIP/UFOP “O enquadramento do sujeito nas páginas de um jornal diário”. E-mail: leidianevieira.reis@hotmail.com

³ Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFOP. Orientadora do Projeto PIP/UFOP: “O enquadramento do sujeito nas páginas de um jornal diário”. E-mail: marta@martamaia.pro.br



desta espécie de código que o orienta na direção da fonte das notícias, o jornalista passa a procurar as respostas para as perguntas bases que norteiam a produção cotidiana desta profissão: o que, quem, onde, como, porque, quando. As respostas a estas perguntas, aliadas ao processo de pesquisa e captação, são imprescindíveis para que o fato tenha um sentido, por isso a importância de que se encontre caminhos que indiquem a solução destas questões.

Depois de feita a constatação destes quesitos, o jornalista parte para a construção da narrativa que irá amarrar as informações apuradas. Para que o leitor compreenda o que se quer elucidar, é necessário que seja realizado um enquadramento. Este processo de enquadrar o que será dado a ver é essencial para que o sujeito que terá acesso ao acontecimento narrado, tenha capacidade de decodificá-lo. O processo de enquadramento consiste basicamente em escolher quais partes do fato irão aparecer na narrativa, algo fundamental de ser realizado, já que a realidade não pode ser tomada como todo, em qualquer discurso que seja ela sempre extrapola em muito a palavra.

Todo este processo citado é permeado por sujeitos, não somente aqueles que produzem as notícias como também aqueles que participaram do desenrolar dos fatos que serão citados no jornal. É de suma importância a presença destes sujeitos que tiveram sua vida tocada de alguma forma pelo acontecimento na narrativa jornalística, já que estes é que formam a ponte que liga o acontecimento ao leitor, eles constituem as personagens do jornal, são responsáveis por humanizar as notícias, tornando-as atraentes às outras pessoas. Desta forma, quando o leitor se volta para as páginas dos jornais, ele é colocado em contato indireto com a experiência que os fatos que transgridem a normalidade do cotidiano propiciam a outras pessoas.

Feita esta apresentação das premissas que serão levadas em consideração neste artigo, faz-se importante descrever o objeto que será tomado como fonte de estudo. Por entender ter constituído um acontecimento de grande relevância perante a forma de avaliação jornalística dos fatos, pelo grau de turbulência que gerou o por ter impactado de maneira assustadora a vida de milhares de pessoas, toma-se como foco, as enchentes que devastaram cidades da região serrana do Rio de Janeiro em janeiro de 2011.

Esta catástrofe atingiu principalmente as cidades de Nova Friburgo, Petrópolis e Teresópolis e deixou centenas de vítimas, bem como milhares de desabrigados. O caso gerou ampla cobertura por parte de toda imprensa brasileira. Com base nas questões já aqui suscitadas a respeito das práticas jornalísticas, propõe-se neste artigo, uma análise mais geral, de cunho qualitativo, da abordagem feita pela Folha de S. Paulo nos três



primeiros dias de cobertura das enchentes, 13 à 15 de janeiro de 2011. É importante ressaltar que se tomou como referência apenas o caderno Cotidiano do jornal, que foi onde se concentraram praticamente todas as matérias a respeito deste assunto.

Torna-se ainda relevante esclarecer que este trabalho não pretende oferecer uma análise exaustiva destas matérias, pois, para tal, aqui não haveria espaço suficiente. O objetivo é, a partir de uma visualização mais geral da cobertura dos três primeiros dias do desastre feita por este jornal, procurar entender como o periódico veiculou as informações relativas ao acontecimento. Desta forma, busca-se perceber até que ponto se comprova na prática as elucidações referidas anteriormente a respeito do jornalismo, e que foram trabalhadas por autores citados no decorrer do texto que se segue.

Escolhas que permeiam a prática jornalística

Para que um fato seja noticiado, ele precisa carregar consigo certo teor de novidade, pois o jornalismo se faz de mostrar às pessoas episódios que alteram o equilíbrio existente no curso normal da rotina que se estabelece com a vivência em sociedade. Às vezes, esses episódios “anômalos” se dão devido às ações humanas, em outros momentos, são gerados por catástrofes naturais. E estas podem ou não ser passíveis de intervenções que tenham potencial para evitá-las ou minimizar seus efeitos. Devido ao delimitado espaço de que dispõem os jornalistas para inscreverem as notícias, realiza-se uma seleção de quais fatos serão considerados nas páginas dos jornais. Essa seleção se faz com base em valores-notícia. Nelson Traquina afirma que “os valores-notícia são um elemento básico da cultura jornalística que os membros desta comunidade interpretativa partilham” (2005, p.94). Desta forma, os valores-notícia são uma espécie de bússola que orienta os jornalistas na direção dos acontecimentos que seriam mais caros ao jornalismo. Eles são as bases sobre as quais estes profissionais escolhem os fatos que serão convertidos em notícias.

Essas referências se fazem necessárias a partir do momento em que a notícia passou a ser considerada uma mercadoria. O objetivo maior desde então se tornou o de oferecer relatos que despertem interesse por parte do receptor (consumidor), fatos que façam com que ele compre o jornal. Se há algum tempo atrás os jornais almejavam vender ideias, tipos de conduta adequada ou posições políticas, hoje eles almejam o lucro acima de tudo. Foi nisso que esse campo que já foi considerado como quarto poder se transformou. Tornou-se uma luta pela conquista do “cliente”. Como afirma



Nelson Werneck Sodré, “A história da imprensa é a própria história da sociedade capitalista” (p.1).

A partir do momento em que se busca cativar o leitor, tem-se de oferecer algo com o que ele se identifique, algo que o incite a ter vontade de se inteirar sobre o assunto em pauta. Para isto, o jornalista precisa humanizar a notícia, o verdadeiro acontecimento se faz com a presença de pessoas, ele acontece a alguém (QUÈRÈ, 2005, p.61). Somente por meio da colocação de personagens nas matérias, as pessoas irão realmente ter curiosidade por saber o que se passa. Ao que parece elas avaliam a importância dos fatos com base no potencial que eles têm em alterar ou impactar a vida das pessoas a eles relacionadas. Aqueles que são afetados pelos acontecimentos vivenciam novas experiências. Experiências que passam a interessar a outros sujeitos que de alguma forma se sente tocados e passam a se ver atraídos por elas. É quando começam a desejar saber o que se passou com o outro. Christa Berger (2009), citando José Rebelo descreve,

Nem todas as ocorrências ou ações são acontecimentos. Para que seja um acontecimento, toda ocorrência, alia-se a seu “potencial” de atualidade e pregnância. A atualidade relaciona-se à produção do acontecimento no nosso espaço e no nosso tempo. Já a pregnância, à capacidade de uma certa ocorrência provocar um ruptura no nosso quadro de vida. (p.2)

Devido a esta necessidade do acontecimento ter pregnância, as grandes catástrofes naturais são uma fonte inesgotável de possibilidade de exploração por meio dos jornalistas. Ao ler uma matéria sobre uma tragédia que atinge um grande número de pessoas, o que o leitor quer, na verdade, é entrar em contato com os sujeitos que a vivenciaram. Esse contato é mediado pela figura do jornalista que precisa fazer com que essa relação se efetue, contato instituído por meio da narrativa de que se vale o discurso jornalístico.

Neste sentido, as enchentes que atingiram a região serrana do Rio de Janeiro no início de janeiro de 2011, representam um acontecimento repleto de pregnância e valores-notícia. Com base nos valores-notícia citados por Nelson Traquina (2005) pode-se inferir que este acontecimento trouxe consigo vários deles. Dentre os quais o mais marcante talvez tenha sido o grande número de mortes registradas ao longo do desenrolar da catástrofe. “E onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor notícia fundamental para esta comunidade interpretativa” (idem, p.79).



O segundo valor-notícia embutido neste acontecimento é a relevância, “que tem a ver com a capacidade de um acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas” (idem, p.80). Em terceiro lugar pode-se citar a notabilidade, que é a qualidade de o acontecimento ser visível, de ser tangível (idem, p.82). Estas características aliadas ao fato de que não havia infraestrutura adequada ou preparo por parte do governo para se lidar com uma ocorrência de tamanha dimensão, deram à ocorrência um forte teor de relevância jornalística. Não haveria como os jornais ignorarem o que se passava na região serrana do Rio neste período de turbulência. Era preciso estar lá, registrar, mostrar o que as pessoas estavam enfrentando. Os jornalistas tinham uma verdadeira fonte de valor-notícia naquele ambiente e precisavam explorá-la ao máximo. Narrar até a última gota de descrição possível.

O jornalismo e a experiência

Durante os dias que sucederam a tragédia ocorrida na região serrana do Rio, a Folha de S. Paulo cedeu grande parte de seu caderno “Cotidiano” a matérias de diversos tipos que tinham o assunto como foco principal. O jornal ofereceu depoimentos, relatos de vítimas e de enviados especiais, descrição do cenário de destruição, dentre outros dispositivos discursivos. Diante de uma ocorrência que logo de início matou centenas de pessoas, na primeira edição em que abordou o assunto, o jornal procurou descrever o cenário que ficou estampado nas três cidades atingidas.

Estas primeiras matérias apontam para um ambiente de desespero como sugerem os títulos “Em Teresópolis, mortos ficaram pela rua” e “Em 24 horas, Friburgo vira mar de lama e desespero”. Neste primeiro olhar sobre o ocorrido o jornal está ainda tateando em meio ao fato de dimensão tão assustadora. Neste momento, não se havia ainda construído um sentido para o que estava ocorrendo, pois como descreve Quèrè, “o acontecimento pode afetar profundamente o horizonte dos possíveis que serve de pano de fundo ao traçar de nossos objetivos. É, por exemplo, o que sucede com uma catástrofe natural de grande dimensão.” (p.66)

Assim, enquanto não se havia estabelecido um discurso que desse conta de explicar as possíveis causas daquela catástrofe, foi-se seguindo por outras formas de estrutura narrativa. De maneira que, naquelas primeiras matérias, os jornalistas tentavam descrever uma experiência que as palavras jamais seriam capazes de expressar.



A situação vivida por pessoas que foram diretamente afetadas por aquele turbilhão de água e deslizamentos não era passível de ser transmitida.

Quais palavras seriam capazes de expressar tão grande sofrimento e dor vividos por aqueles indivíduos? Haveria palavra assim tão profunda? Como afirma Vera França, “a experiência, no seu sentido mais imediato e corrente diz respeito àquilo que é sentido por um indivíduo que passa ou vive determinados acontecimentos (...). Desse ângulo pode-se dizer que a experiência é intransferível” (2010, p.39).

Mas, apesar de não ser possível sentir a experiência do outro em sua plenitude, torna-se possível ao menos ter uma dimensão do ocorrido. Com o fim de oferecer as ferramentas para que o leitor empreenda tal manobra, o jornalismo faz uso do enquadramento através do qual estabelece uma lógica que anule parte da complexidade dos fatos em si. O objetivo torna-se então, dar ao leitor algo que ele consiga decodificar. Segundo Mouillaud (2002) “a linearidade é o esquema dentro do qual a experiência é apreendida” (p.60); o autor ressalta ainda que “a moldura, isolando um fragmento da experiência, separa-o de seu contexto e permite sua conservação e seu transporte” (idem, p. 61).

Mouillaud não está dizendo com isto que a experiência é transferida, pelo contrário, ele afirma que ela não é reproduzível. “Está ligada a um local, a um ponto do espaço e a um momento no tempo. Já o acontecimento é móvel” (idem, p.61). Assim, uma vez transformado em notícia caracterizada pelo autor como despacho de agência, o acontecimento torna-se móvel. De forma que o processo de transformação do fato em notícia é que possibilita que alguém que não esteve presente no local e momento do ocorrido tenha acesso a ele.

Mas como dito anteriormente, a abordagem inicial da Folha de S. Paulo acerca das enchentes procurou descrever o estado em que se encontravam as três cidades atingidas. Uma situação de completo caos. As matérias escritas por enviados especiais falam de pessoas que vagavam a procura de um abrigo qualquer, corpos colocados em lugares improvisados. Soma-se a essa dramaticidade presente na descrição os depoimentos de pessoas falando sobre os momentos de desespero por que passaram quando por pouco não perderam suas vidas. Enfim, o fio que perpassa todas as matérias deste dia é a situação limítrofe que havia se instaurado após aquelas fortes chuvas.

Parece que também o jornal estava ainda em processo de assimilação da situação, e o que ofereceu no outro dia aos leitores foram as sombras que conseguiu captar, transformar em discurso e despachar. Não havia ali ainda nenhuma explicação, o



que se via era apenas um rascunho do desenho de uma realidade devastada. Uma imagem dramática instituída pela própria natureza dos fatos. Não era preciso fazer uso de jargões para fortalecer um tom capaz de comover, bastava dar voz a quem presenciou parte do desastre, e a trama se estabelecia.

Uma das entrevistadas disse: "ficamos no telhado até a chuva passar. Passava tudo: carro, bichos, corpos. Rezamos para que o telhado não caísse, porque senão todos iríamos morrer". Além das declarações de entrevistados, os jornalistas que foram enviados para o local da tragédia também descreveram, em suas matérias, a situação em que as cidades se encontravam, um deles escreveu: "quem sobrevoa Teresópolis a partir do centro da cidade e vai em direção às serras vê o cenário de árvores e rochas se transformar em um mar de lama". Parecia haver o objetivo de fazer com que o leitor pudesse mesmo ser inserido naquela realidade de forma a compreender a dimensão do acontecimento. Como se este primeiro dia de cobertura estivesse servindo para apresentar uma visão panorâmica do ocorrido.

As problemáticas do acontecimento

Apesar de no segundo dia de cobertura das enchentes (14 de janeiro) o jornal ter oferecido novamente textos descritivos e dramáticos, havia também matérias de cunho analítico. Após contextualizar para o leitor a devastação ocasionada pela catástrofe, era preciso oferecer, então, explicações que possibilitassem que ele se sentisse inteirado das causas de tudo aquilo que estava ocorrendo. Tal ação constitui o momento da construção da intriga, característica que segundo Quèrè, é necessária para prender a atenção das pessoas. Sobre este tema o autor acrescenta:

Todas as situações têm uma estrutura de intriga: qualquer coisa se enlaça, num dado momento, devido a um acontecimento ou a uma iniciativa humana, para, em seguida, se encaminhar progressivamente para um desenlace resultante de contingências, peripécias, mudanças de situação, alterações do acaso." (2005, p.78)

Desta forma, o jornal se propõe, nesta edição, a não apenas relatar o que se passava como também inaugurar um espaço de problematização que gerasse uma maior reflexão por parte de quem tivesse acesso àqueles textos. Já não mais fazia sentido apenas permanecer batendo na mesma tecla, era preciso trazer alguma novidade. As matérias "Gastos com prevenção são minimizados" e "Projetos anti-enchente estão parados no Congresso" são exemplos de textos que buscavam mostrar ao leitor as



possíveis causas do desastre ter adquirido tamanha abrangência. De forma que, estas narrativas davam a entender que o problema gerado pelas fortes chuvas que atingiram o estado do Rio poderia ter sido no mínimo amenizado caso o governo tivesse investido em ações preventivas.

Tal fato evidencia como um acontecimento isolado pode gerar uma cadeia mais abrangente de fatores que se ligam de alguma forma a ele. Estes fatores já existiam, mas estavam em estado latente e provavelmente assim permaneceriam caso não tivessem sido evidenciados a partir de outra ocorrência de caráter jornalisticamente notável. Este fenômeno demonstra como “novos campos problemáticos se constituem com a emergência do acontecimento” (QUÈRÈ, 2005, p. 79).

Mas para além de delimitar as causas e implicações do acontecimento, o jornalismo também atua no sentido de dar a ver as possíveis soluções mediante os problemas. Citando Deleuze, Quèrè define que os acontecimentos “são singularidades que se desdobram num campo problemático, e na vizinhança das quais se organizam soluções” (idem, p.79). Isso pode ser visto na matéria intitulada “Previsão será mais precisa em 2012, afirma Inpe”. Esta matéria informa, basicamente, que o Inpe, Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, havia declarado que a previsão de temporais poderá ser mais precisa no próximo verão devido à operação de um novo computador. A escolha desta abordagem evidencia como o jornal buscou apresentar uma espécie de solução que pudesse minimizar a possibilidade de o desastre em questão ocorrer novamente.

Também nesta segunda edição da cobertura das enchentes, o caderno Cotidiano da Folha apresentou textos descritivos, depoimentos feitos por pessoas que presenciaram o desenrolar dos fatos e, além disso, trouxe também uma análise de cunho opinativo intitulada “Indo ao Rio, Dilma fez o que governantes devem fazer”. Este último gênero textual não pode ser encontrado na edição do dia anterior, o que demonstra como o jornal foi aprofundando, aos poucos, a cobertura. Este aprofundamento ocorreu com mais intensidade ainda no terceiro dia, quando além dos tipos de textos que já vinham sendo publicados acerca do assunto, o jornal também trouxe diversas matérias analíticas e até uma entrevista com uma epidemiologista.

Dentre as matérias que problematizam o ocorrido estão as intituladas: “Rio foi alertado em 2008 sobre risco de desastre em região onde 547 já morreram”, “Japão e Chile dão "banho" no Brasil em prevenção” e “Defesa Civil afirma que alerta foi corriqueiro”. Todas estas matérias focaram na questão de como o Brasil estava



despreparado para lidar com uma catástrofe daquela dimensão e a falta de medidas preventivas no país contra desastres desta natureza.

“Prefeitura é acusada de incentivar invasão” foi outro texto que procurou apresentar uma visão mais aprofundada das causas do desastre, ele informa que a prefeitura de Teresópolis estava sendo acusada pela promotoria de meio ambiente de estar incentivando ocupação indevida na cidade.

Nesta edição, o texto opinativo veio intitulado “De quem é a culpa? Quem pagará?” onde o jornalista que o escreveu questiona se o governo não deveria ser processado pelos cidadãos atingidos pelas enchentes, uma vez que o poder público não implantou projetos de prevenção para garantir a segurança deles, o que era de sua incumbência fazer. Como já referido, o jornal também apresentou uma entrevista. Ela foi feita com a epidemiologista belga Debarati Guha-Sapir e foi intitulada “Chuva é a última a ser culpada, diz cientista”. Nesta entrevista a cientista afirma que displicência do poder público no Brasil é que ocasionou consequências tão drásticas após as fortes chuvas que atingiram o Rio de Janeiro.

Estas matérias demonstram como o jornal, após focar as consequências do desastre em si, realizou um apanhado histórico da questão. Desta forma, foi-se delimitando uma explicação que elucidasse as causas de ter acontecido um fenômeno com proporções tão grandes e que, por isso mesmo, afetou a vida de centenas de pessoas. Esta manobra por parte da Folha de S. Paulo constituiu, na realidade, uma forma de criar um passado para o acontecimento, um passado capaz de explicá-lo. Toda esta estratégia realizada pelo periódico no terceiro dia de cobertura da ocorrência aqui tratada serve de exemplo à seguinte constatação feita por Quèrè:

É preciso que o acontecimento tenha lugar, que ele se manifeste na sua descontinuidade e que tenha sido identificado de acordo com uma certa descrição e em função de um contexto de sentido, para que se lhe possa associar um passado e um futuro assim como uma explicação causal. (ibdem, p. 63)

Considerações finais

O jornalismo não somente noticia o acontecimento como também atua em sua construção (BERGER, 2009), após coletar as informações acerca do desenrolar dos fatos, o jornalista parte para a busca da construção da narrativa que possa conferir



sentido ao mesmo. Este processo de transformação e lapidação do real é permeado por diversos mecanismos, como a seleção e a busca por certa linearidade. As etapas envolvidas nestes empreendimentos são necessárias para que se tenha condições de oferecer ao receptor um texto que ele possa decodificar.

A narrativa que se forma tem de chamar a atenção deste leitor, de maneira que ele tenha a ilusão de estar sentindo parte da experiência vivenciada por outras pessoas. Esta dimensão de entrar em contato com as personagens que permeiam o discurso jornalístico é responsável por fazer com que as pessoas se voltem para ele com maior entusiasmo. Além de criar um espaço que dê lugar a esta relação, o jornal precisa também abordar o começo, meio e fim do acontecimento, na medida em que trabalha com uma relação que se pretende espelho do real, assim o público espera que o texto jornalístico não somente informe o que ocorreu, mas que também explique de maneira linear estes acontecimentos. Essa práxis jornalística, na maioria das vezes, omite ao leitor que o fato não está dado, que ele é construído a partir da seleção dos jornalistas, editores, empresários e outras fontes que consigam ter voz ativa nesse processo.

O fazer jornalístico expressa então um modelo que deve ser seguido pelo profissional da área, que é levado a desenvolver um amplo processo de escolhas que garantam ao leitor uma história coesa. Mesmo que isso não se dê ao longo do primeiro dia de cobertura do acontecimento, em determinado momento tem de ser feito, para que se veja no jornal a resposta para as indagações que surgem juntamente com os fatos. Estas respostas são expressas por meio do encadeamento de causas e consequências que conferem sentido a algo que, enquanto apresentado sob a ótica da realidade empírica, pode parecer inexplicável.

Referências bibliográficas

BERGER, C.; TAVARES, F. **Tipologias do acontecimento jornalístico**. In: Encontro nacional de pesquisadores em jornalismo, 7., 2009, São Paulo. Disponível em: http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/admjor/arquivos/christa_berger.pdf Acesso em: 01 de abril de 2011.

FRANÇA, Vera e GUIMARÃES, César (Orgs.). **Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.



MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio Dayrrel. **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UNB, 2002.

QUÉRÉ, L. **Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento**. Trajectos. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Muad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2 ed; 2005. p.33 – 73.

Outras fontes:

Jornal Folha de S. Paulo

Dia 13 de janeiro de 2011.

Dia 14 de janeiro de 2011.

Dia 15 de janeiro de 2011.